



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

**PRANTO DE AGRADECIMENTO AO
MESTRE**

(Resenha de *Pranto por Dalcídio Jurandir*, de
Lindanor Celina)

Fernando Farias

*A chuva não é um epílogo,
Tampouco significa sentença ou
esquecimento.*

Falei em Dalcídio Jurandir
(Carlos Drummond de Andrade. “Canções de
Alinhavo”, 1984).

Quando Carlos Drummond de Andrade publicara *Canções de Alinhavo* – um poema presente na obra *Corpo*, divulgada um ano depois do livro memorialístico *Pranto Por Dalcídio Jurandir*, de Lindanor Celina -, o poeta de Itabira talvez não tivera a chance de comparar e ver que tanto ele quanto a escritora paraense realizaram empreendimentos próximos, mobilizados pela necessidade de lembrar, homenagear e jamais esquecer o amigo que tiveram.

Em *Pranto Por Dalcídio Jurandir*, obra tecida pela escritora brasileira radicada na França, não temos o registro de um Dalcídio Jurandir *militante ativo* como fora nos anos 30, no partido comunista, na luta da ANL contra os camisas verde, nem tampouco avistamos o jornalista *político-combativo* dos anos 40, que, por sinal, na ocasião das eleições para a

presidência da Associação Brasileira de Escritores, em 1949, empreendera luta física com Carlos Drummond de Andrade pela posse do livro de atas das eleições, um duelo de *gladiadores de escassa musculatura* como registrou de forma espirituosa Moacir Werneck Castro ao lembrar a calorosa disputa.



Capa do livro *Pranto Por Dalcídio Jurandir*, de Lindanor Celina. Belém, SECDT: Falangola, 1983, 185 páginas.

Nessa obra de Lindanor Celina, iniciada em fevereiro de 1980, sobressai a figura de um Dalcídio Jurandir acostumado a lutar não com o amigo, adversário naquela circunstância, mas com a palavra, um *lutador* que, na altura dos anos 50-60 já era considerado um dos maiores escritores brasileiros, o grande vencedor de prêmios,

a lenda, o mito. O inacessível. Dalcídio Jurandir estava para mim mais alto que uma estrela. Exatamente uma estrela [...]. O maior romancista do Brasil. A aura que envolvia o nome, a distância que me separava dele[...]. O maior

ficcionista brasileiro saiu foi destes nossos mundos, desses cafundós de Marajó (CELINA, 1983, p.11).

Dalcídio Jurandir, nesse momento, morador do Rio de Janeiro - lugar que as circunstâncias lhe ofertaram como terra adotiva desde os anos 40, era figura ilustre aos olhos de Lindanor Celina e de grande parte da crítica, todavia, como lembra Lindanor, seguia uma vida simples, sedimentada no alto valor simbólico, quase sempre “rodeado de livros. Não demais. Porém da melhor espécie” (p.165) e, como um monge, um asceta ou eremita, seguia quase sempre “no seu canto, sempre na pobreza, num quase total despojamento [...]. A cama, um armário, uma estante, a mesa, a máquina de escrever. Ali cumpria seu labor” (p.37; p.89).

Ora convicto de sua missão, ora angustiado com a utilidade de sua ação, o interesse do mestre do romance amazônico equilibrava-se somente na penitência de realizar seu projeto literário, mesmo que isso lhe custasse a devoção de entrega total, de sua vida, a literatura. Feito essa escolha (ou voto?), Dalcídio optou por lutar pelo mínimo de sustento material, coisa que praticava, segundo as memórias de Lindanor Celina, com a feitura da revista do Banco Rural, atividade essa que era encarregado pela tarde, além de um ou outro trabalho que surgisse. Suas manhãs, sagradas, quase sempre eram dedicadas a escrita de seus romances, suas leituras, seus afazeres em torno da escrita.

Dalcídio Jurandir era um literato soberano em seu valor para a literatura, divino em sua simplicidade, inacessível aos olhos de

Lindonor Celina, até que uma festividade do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, aproximaria os dois. Avizinha a data da festa religiosa, Dalcídio Jurandir viajara para Belém na companhia de Eneida de Moraes, Mauritônio Meira, Zélia e Jorge Amado, José e Luisa Condé e daquele período festivo em diante conheceu Lindonor, tornara-se amigo da cronista da então *Minarete*, coluna literária do jornal Folha do Norte. E assim começava uma amizade que renderia lucros para a literatura.

Dalcídio Jurandir ao ler uma crônica de Lindonor Celina sobre a passagem de Sartre e Simone de Beauvoir por Belém, passagem essa nos idos dos anos de 1960, não tivera dúvidas de que aquela cronista, na verdade, era romancista, precisando apenas de um mestre para lhe orientar alguns caminhos a seguir.

Por ora estamos na fase em que ele não apenas me vigiava os arroubos, as esperanças de glória e de sucesso, a demasiada fé em mim, os meus *disques* dons, não só os reprimia para o meu bem, claro, mas até quase me ralhava, como que me punia, como os anti-mestres-escola da infância que não davam nunca um elogio mas cuja palmatória sempre pronta a entrar em ação (CELINA, 1983, p.35).

Incentivada, Lindonor Celina empreende várias viagens ao Rio visando encontrar o mestre para orientá-la nessa tarefa de romancista. Nesses encontros, além daqueles já observados, descobrira outros gênios do amigo-mestre, que oscilava entre o “quase sempre tranquilo, inimigo de disputas, jamais rancoroso”, o revoltado com as injustiças, com a “desmesurada desigualdade que há no mundo” e o furioso, segundo Lindonor Celina, principalmente “quando eu formulava conceitos

imbecis a respeito do que seja na verdade a vocação de um escritor, um romancista, um criador” (p.64). Como seu anseio era aprender mais com o mestre, Lindonor julgara ser preciso esses momentos de disciplina necessários, haja vista que, na experimentada visão de Dalcídio, “tudo quanto é ofício, tudo quanto é arte se aprende na dureza [...]. A literatura, minha senhora, é uma coisa muito séria. É uma arte. E não é artista quem quer” (p.64-5).

Essas recomendações, na verdade advertências, vinham de um ser que, contraposto ao pai-preceptor criado por Machado de Assis, em *Teoria do Medalhão*, já havia escrito e publicado praticamente metade de seu ciclo romanesco à duras penas, irrisório lucro material, muito desprendimento do mundo, da vida, um abrir mão de tudo em favor de seu labor literário. A aprendizagem de Lindonor se dava, dia após dia, pela palavra, pela demonstração na vida.

E aos poucos foi se tornando melhor, aprendera a lição de ser uma astuta cronista do cotidiano, atenta aos detalhes “pequenos e invisíveis aos olhos comuns, daqueles que não seguiram tal ofício” (p.67). O mestre pouco a pouco vai lhe ensinando a colher falas, dizeres, informações diversas, enfim... tudo é importante. Uma romancista, ou seja, alguém que se qualificava como escritora, deveria esmerar-se na labuta de “ouvir, ver, gravar o máximo” (p.73), a todo momento, em todos os ambientes possíveis. É como o preceptor-amigo que Lindonor aprendera ainda ser necessário capturar o cotidiano, transfigurá-lo e antes,

ouvir a própria produção, apreciar sua ficção na condição de leitor.

Foi com ele que aprendi, antes de fazer teatro, que ler em voz alta um texto, ler uma página quando se é autor (ou ator), mais: ouvi-la do próprio criador, é quase melhor que ler um livro feito. Essa ideia tomou corpo agora na Europa: autores gravavam seus romances em cassetes. Ou convidam atores de renome para fazê-lo. Descobri esse prazer há quantos anos? O que se fazia com texto dramático, leitura de peças, primeiro passo para uma mise-en scène. Pois como o romance acontece o mesmo (CELINA, 1983, p.136).

Lindanor Celina, discípula dedicada, aprendera e não esquecerá nunca mais que o trabalho literário exigia dedicação, “lixa, o reboco, os vernizes, as muitas camadas, a maquiagem” (p.159). Muito trabalho e pouco reconhecimento. Quase sempre. E quando esse reconhecimento chegasse (se chegasse em algum dia), o escritor deveria se afastar das comparações com os outros, “nunca imaginar escalas, dessas em que o escritor se torna competitivo, fica se perguntando se um colega é melhor que ele, compara seu trabalho com o do outro ao invés de se ocupar somente com sua produção (p.76).

Todos esses ensinamentos, digamos assim, que Dalcídio Jurandir direcionara a Lindanor Celina, fizera ciente de que aquilo não correspondia a “indicações de causa e efeito”, como ele dizia, mas compreensões que poderiam auxiliá-la em sua “ginástica” - esse exercício da mente que é a criação literária-, qualificando mais ainda suas formas de observar e transmitir, em termos literários, a vida, o cotidiano das pessoas.

Da aproximação, das aprendizagens e da amizade ficou a saudade de um amigo a quem tanto sente falta: a pessoa, o profissional da palavra que demonstrou ser, o ser que tanto somou a sua vida. E da mesma forma que Drummond dedicara um poema ao amigo Dalcídio pela presença sempre lembrada entre os grandes nomes da literatura, Lindanor Celina, em alguma medida, ofertara ao mestre a obra *Pranto Por Dalcídio Jurandir*, um pranto em agradecimento àquele que repetidas vezes lhe dizia que “o romancista, mais que qualquer outro artista, vive da memória” (p.73).

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Canções de Alinhavo. In: **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ASSIS, Machado de. Teoria do Medalhão. In: **Papéis avulsos**. S.l., Lombaerts & C., 1882.
- CASTRO, Moacir Werneck. Éramos assim em 1949. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, agosto?, 1987. Casa de Rui Barbosa, Arquivo 2 “Dalcídio Político”.
- CELINA, Lindanor. **Pranto Por Dalcídio Jurandir** (Memórias). Belém, SECDDET: Falangola, 1983, 185 páginas.

Dados sobre o autor

Fernando Jorge dos Santos Farias é Professor da Universidade Federal do Pará – UFPA, Mestre em Educação e especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Atualmente é doutorando em História da Educação pela Universidade de São Paulo – USP onde investiga a relação de Dalcídio Jurandir e a Educação. Contato: ffarias@usp.br